

87

*Jogadores Brasileiros na Espanha:
Emigrantes, porém...*

Carmen Rial

2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor Lúcio José Botelho
Vice-Reitor Ariovaldo Bolzan

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor Maria Juracy Filgueiras Toneli
Vice-Diretor Roselane Neckel
Chefe do Departamento de Antropologia Antonella M. Imperatriz Tassinari
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Oscar Calávia Sáez
Sub-Coordenador Sônia W. Maluf.

ANTROPOLOGIA EM PRIMEIRA MÃO

Editor Rafael José de Menezes Bastos

Comissão Editorial do PPGAS Carmen Sílvia Moraes Rial
Maria Amélia Schmidt Dickie
Oscar Calávia Sáez
Rafael José de Menezes Bastos

Conselho Editorial Aldo Litaiff
Alicia Castells
Antonella M. Imperatriz Tassinari
Dennis Wayne Werner
Deise Lucy O. Montardo
Esther Jean Langdon
Ilka Boaventura Leite
Maria José Reis
Márnio Teixeira Pinto
Miriam Hartung
Miriam Pillar Grossi
Neusa Bloemer
Sílvia Coelho dos Santos
Sônia Weidner Maluf
Theophilos Rifiotis

Solicita-se permuta/Exchange Desired

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Antropologia em Primeira Mão

2006

Antropologia em Primeira Mão é uma revista seriada editada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Visa à publicação de artigos, ensaios, notas de pesquisa e resenhas, inéditos ou não, de autoria preferencialmente dos professores e estudantes de pós-graduação do PPGAS.

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências Humanas
Núcleo de Publicações de Periódicos
do CFH - Campus Universitário - Trindade
88040970 Florianópolis SC, Brasil
Fone: 37219457

Coordenadora do NUPPe

Carmen Rial

Secretaria do NUPPe

Luiz Carlos Cardoso e
Jane Mary Carpes Gonzaga

Editoração eletrônica

Jane Mary Carpes Gonzaga

Copyright

Todos os direitos reservados. Nenhum extrato desta revista poderá ser reproduzido, armazenado ou transmitido sob qualquer forma ou meio, eletrônico, mecânico, por fotocópia, por gravação ou outro, sem a autorização por escrito da comissão editorial.

No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording or otherwise without the written permission of the publisher.

Catálogo na Publicação Daurecy Camilo CRB-14/416

Antropologia em primeira mão / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. —, n.1 (1995) — Florianópolis : UFSC / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 1995 - v. ; 22cm

Irregular
ISSN 1677-7174

I. Antropologia – Periódicos. I. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social.

Toda correspondência deve ser dirigida à
Comissão Editorial do PPGAS
Departamento de Antropologia,
Centro de Filosofia e Humanas – CFH,
Universidade Federal de Santa Catarina,
88040-970, Florianópolis, SC, Brasil
fone: (0.XX.48)3721.93.64 ou fone/fax (0.XX.48) 3721.9714
e-mail: ilha@cfh.ufsc.br www.antropologia.ufsc.br

Jogadores Brasileiros na Espanha: Emigrantes, porém¹ ...

Carmen Rial²

Há alguns anos que o Brasil deixou de ser um país receptor de imigrantes para transformar-se em um país que cede emigrantes para o mundo, especialmente para os Estados-Unidos, Japão e Europa. O número de brasileiros residindo no exterior aumentou consideravelmente e hoje estima-se em 3 milhões os que vivem no exterior (Millman 2005:B7). Os jogadores de futebol em atividade em outros países poderiam ser englobados neste número - não se tem o número exato dos jogadores brasileiros em atividade no exterior; os dados oficiais mais confiáveis, da Confederação Brasileira de Futebol referem-se aos jogadores transferidos para o exterior desde 2002, o que contabiliza um total de 2610. Porém, como uma parte regressa ao país, e outra boa parte transferiu-se antes de 2002, é difícil saber quantos atuam em clubes no estrangeiro. Sejam quantos forem, eles seriam, a primeira vista, emigrantes como os outros brasileiros. Como eles, mantêm relações estreitas com o Brasil, investem no Brasil, sonham retornar um dia para o Brasil. Mas a proximidade com os brazucas de Boston ou os de Tóquio param por aí. Se quisermos continuar a usar a categoria de “emigrantes” para designar estes jogadores de futebol que atuam em clubes no exterior, teremos de buscar uma proximidade entre suas situações de vida não com a dos trabalhadores que migram para ocuparem posições subalternas nas sociedades de acolhida, posições que muitas vezes são desprezadas pelos trabalhadores locais, e sim com os intelectuais, engenheiros, informáticos que

1 Uma versão desse artigo foi publicado na Espanha, na Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, v. LXI (Culturas Deportivas y mercados globales y locales. F Xavier Medina y Ricardo S. Martín (org), p. 163-190, 2006.

2 Professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: rial@cfh.ufsc.br.

ocupam posições de destaques nos laboratórios dos centros mais avançados em tecnologia e trabalham por salários elevados em empresas de ponta no mercado mundial.

São emigrantes que formam uma categoria a parte, a de especialistas. E talvez tenham sido também os precursores desta onda de emigração do país pois há mais de 70 anos, ou mais precisamente, a partir de 1931, vem deixando o Brasil para atuarem em equipes no exterior. O primeiro grande êxodo de craques de nosso futebol foi para a Itália (Fontenelle 1988, 2005; Rial 2004). De qualquer modo, se por um lado os números desta emigração são menos significativos que o de outras categorias profissionais ou comparados ao total de emigrantes brasileiros, por outro lado, é enorme a relevância desta imigração, dada a visibilidade mundial destes jogadores e o enorme impacto a nível do imaginário global obtido no *mediascape* (Appadurai 1990, 2001) atual através de sua inserção no sistema futebolístico³.

A emigração dos jogadores brasileiros hoje à Espanha e mais precisamente à cidade onde realizei este estudo, Sevilha, localizada na Andaluzia, retoma, em sentido inverso, um fluxo migratório do

³ Chamo de sistema futebolístico a união de vários *campos* (Bourdieu 1987, 2000; Toledo 2002) relacionados com a prática do futebol. Ele inclui o campo futebolístico que vai desde o futebol amador praticado nas escolinhas e várzeas até o chamado futebol de espetáculo; onde a instituição transnacional Federação Internacional de Futebol (FIFA) tem papel central, atuando através das federações regionais e as confederações nacionais, organizando e regulando essa prática. Há sistema futebolístico quando existem jogadores, torcedores e mediadores diversos (juizes, empresários, treinadores, olheiros, etc). Não utilizo a categoria mais recorrente de *futebol de espetáculo*, embora reconheça o interessante estudo de Debord (1967) que a inspira, por entender que todas as performances futebolísticas, mesmo as amadores, podem se constituir em um espetáculo sendo assim impreciso para designar o futebol transmitido pela mídia, em escala global.

Nem sempre uma mercadoria valorizada no campo futebolístico, necessariamente o é no sistema futebolístico pois, nesse, o campo jornalístico tem papel importantíssimo. Por exemplo: poucos torcedores no mundo são capazes de lembrar os nomes dos jogadores campeões europeus de seleções da Eurocopa de 2005; muitos no entanto sabem escalação do Real Madrid, que não vence um título há vários anos. Os jogadores gregos campeões em Portugal nem de longe aproximam-se do valor dos jogadores galáticos. No “star system” (Morin 1957) que é característico do sistema futebolístico atual, a vitória numa competição importante não necessariamente significa o auge na hierarquia do sistema futebolístico.

início do século XX, quando milhares de famílias e jovens espanhóis atravessaram o Atlântico (Perez-Murillo 2000, Lesser 1999, Zarur 2000). Saíam como *galícios* ou *andaluzes*, ao chegarem a América passavam a ser vistos meramente como *espanhóis*, uma identidade que ainda nos dias de hoje poucos são os que, nascidos no país-nação Espanha, ostentam. Os andaluzes que deixaram a província rumaram para a América, especialmente para Argentina e para o Brasil, muitos deles indo primeiro a Argentina e de lá passando para o Brasil (Perez-Murillo 2000). Na época, as razões para esta migração foram econômicas e políticas: fugir do desemprego provocado pelas crises na agricultura, especialmente nos vinhedos (ataque da filoxera), na cana de açúcar e nos cereais, fugir da convocação obrigatória do exército que matou milhares de espanhóis jovens nas colônias, na África e nas Ilhas do Caribe. A este “êxodo de uma classe de pequenos agricultores e proprietários rurais em menor medida urbanos, que direta ou indiretamente dependiam de um minifúndio agrário”, a esta imigração “seleta daqueles que ao menos dispunham de algo para vender como uma pequena terra ou uma casa que possibilite uma aventura americana” vai se somar, nas primeiras décadas do séc XX, um grande número de adolescentes, 30% segundo estatísticas oficiais, que desertaram do matadouro que significava a guerra da África. Foram para a Brasil e a Argentina, países com políticas incentivadoras da emigração européia, para uma América onírica, em busca de um projeto de vida (Velho 1994) de ascensão social.

Por seu lado, também a Espanha inverteu o sentido do fluxo das correntes migratórias nos anos 80. Tradicionalmente um país que cedia mão-de-obra, desde o início do século até recentemente, tornou-se receptora de uma população estrangeira em busca de inserir-se no mercado de trabalho. Nos anos franquistas, o país viveu sob uma ditadura conservadora e cruel, cuja ascensão ao poder fez com que 500 mil pessoas buscassem refúgio na França (Oso Casas 2004:24), um contingente formado por emigrantes políticos, que se distingue muito da emigração laboral motivada economicamente. As remessas dos emigrantes foram uma das

maiores fontes de renda do país, sendo incentivadas fortemente pelo Estado que criou mecanismos de captação da poupança e investimento no país.

De outra parte, também tem sido desmontado o estereotipo de que são os homens os escolhidos para migrar. Mulheres migram, sós ou acompanhadas, e isto é particularmente verdade no caso da Espanha. Foram as mulheres quem mais facilmente conseguiram migrar e estabelecer-se como domesticas na Europa entre o pós-guerra e os anos 80, especialmente em Paris (Oso Casas 2004:26), e são novamente as mulheres, agora em sentido inverso, que se estabelecem como domesticas em Madrid, provenientes de países latino-americanos e especialmente do Equador e Bolívia. Esta pesquisa, no entanto, centra-se na migração de famílias impulsionadas pela migração de um homem.

A literatura que trata de migrações já mostrou que é uma falácia se pensar que esta população é formada exclusivamente por indivíduos pobres ou pertencentes as camadas mais baixas da população e que migram prioritariamente como estratégia para resolver problemas econômicos (Basch et alli 1994, Kearney 1996, Margolis 1994, Millman 2005). Estes estudos têm mostrado que a migração é um projeto coletivo, no mais das vezes familiar, e são os indivíduos considerados mais capazes e com maiores possibilidades de emprego no país receptor os escolhidos pelo grupo para tentar a aventura da migração – aventura pois esta viagem muitas vezes envolve riscos de vida, não tanto por uma repressão estatal direta e mais pelas estratégias adotadas pelo emigrante ilegal para tentar fugir ao controle estatal e contornar os obstáculos, naturais ou erigidos pelos Estados, de imensas cercas de arame à travessias marítimas em embarcações precárias ou caminhadas por desertos, como é o caso de parte da população brasileira que dirigiu-se para os Estados-Unidos a partir dos anos 90.

Mesmo que boa parte dos 3 milhões de brasileiros no exterior estejam vivendo legalmente, como é o caso dos 300 mil nisseis no Japão (Tsuda1999), a emigração ilegal já é expressiva e talvez corresponda a metade dos brasileiros emigrantes. Não se tem números exatos ou aproximados, baseio esta cifra na comparação

entre a estatística de remessas feitas por brasileiros no ano de 2003 do BID que contabiliza 5,2 bilhões de dólares (estimação do total das remessas, incluindo as informais) e a do Banco do Brasil, de 2 bilhões de dólares, contabilizadas apenas as remessas realizadas através do sistema bancário (Milman 2005). Uma comparação bastante discutível, reconheço, uma vez que os imigrantes legais também podem usar de sistemas ilegais para suas remessas...

Qual a necessidade destes emigrantes laborais ainda hoje? A mobilidade do capital permita a desterritorialização de muitos serviços que podem ser feitos por trabalhadores de qualquer lugar, desde que tenham a educação necessária, que muitas vezes resume-se ao domínio do língua em um treinamento básico, como é o caso dos atendimentos aos clientes que tem se concentrado em países como a Índia (empresas norte-americanas) ou no Marrocos (empresas francesas). Porém, os emigrantes continuam sendo necessários nos países centrais, especialmente nas *ciudades globais* (Sassen 1991), para cumprirem funções subalternas, que a população local recusa mesmo diante do desemprego, como é o caso dos serviços de limpeza (Oliveira Assis 1995). E estes são os emigrantes que tem tido visibilidade na mídia. No entanto, uma parcela numérica pequena mas economicamente das mais significativas hoje é a constituída por emigrantes especialistas que se dirigem ao outro país com a certeza de uma acolhida institucional - isto quando a migração não ocorre no interior da própria instituição (Ribeiro 1992) - e um nível de vida economicamente superior ao de seus países de origem. O capitalismo avançado mantém serviços nas *ciudades globais* (Sassen 1991) ou em regiões especializadas – penso no Sillicon Valey – que são pólos de atração para emigrantes laborais e para emigrantes especializados, estes profissionais que trabalham em universidades, em empresas de informática, de comunicação, etc.

Os espanhóis formam um dos mais numerosos contingentes de emigrantes no sul do Brasil, atrás apenas dos portugueses e italianos. Porém, se perguntássemos a um brasileiro hoje onde estão, provavelmente ele teria bem mais dificuldade em localizá-los do que teria em relação aos alemães, italianos ou japoneses, que localizaram-se, mantiveram a língua por mais de uma geração assim

como costumes culinários, festas folclóricas, etc. Inserindo-se mais no comércio do que na agricultura, os galegos e andaluzes emigrantes rapidamente se imiscuíram entre os brasileiros.

Também agora é difícil apontar os brasileiros na Andaluzia. Apesar da língua, eles se misturam com mais facilidade a população local do que o fazem, por exemplo, os milhares de equatorianos e de outros países da América Latina que povoam as ruas das grandes cidades. O traço ameríndio é menos presente em seus rostos e muitos parecem ter feito na América uma passagem de duas a quatro gerações pois ainda portam sobrenomes espanhóis e italianos e aqui conseguem ter novamente um passaporte europeu. Mas não é o caso destes brasileiros especiais que são os jogadores de futebol, inseridos no sistema de futebol espetáculo que faz deles rostos muito conhecidos e respeitados como especialistas na sua profissão.

Como ocorre com outras migrações, e ao contrário do que mostra o senso comum, também a de jogadores de futebol envolve indivíduos com capacidades acima da média, no caso, talentos futebolísticos comprovados. Categorizo esta emigração como sendo de *especialistas* colocando-a como a parte da emigração *laboral não-especializada* – maior contingente de emigrantes do Brasil hoje – pois ainda que o fator econômico seja decisivo como motivação para a emigração, os depoimentos mostram que há distinções grandes entre o que estou chamando de emigração de *especialistas* e a emigração *laboral não-especializada* de camadas médias e de baixa renda.

Suas partidas podem ser sentidas pelo país de origem inclusive como uma perda – fala-se em *roubo de cérebros* para emigrações de cientistas, ainda não se fala em *roubo de pés*, mas no futuro poderemos bem interpretar assim estas deserções - num futuro talvez próximo, quando se firmar as tendências de que a idade dos jogadores que partem seja cada vez menor e que passem a se destacar vestindo outra camiseta nacional que não a da seleção brasileira. Algumas transferências já são vivenciadas como perdas enormes por parte dos aficionados do futebol no Brasil, como o movimento pró-permanência *Fica Robinho* bem revelou, através

da multiplicação de faixas, bandeiras, auto-colantes em automóveis, etc. Movimentos de torcedores que, aliás, tem sido inúteis: Robinho foi para a Espanha, tal qual era o seu desejo, e só não foi acompanhado do ódio da torcida (*Racha Robinho*) porque aceitou uma maratona de jogos que ajudaram o seu clube a garantir alguns pontos a mais na tabela do campeonato que disputava e garantiu uma despedida honrosa no clube que o formou.

Entender como vivem estes emigrantes foi um dos objetivos desta pesquisa, realizada na Espanha, na Andaluzia, entre 2004 e 2005, mais precisamente, nos meses de novembro/ dezembro de 2004 e de setembro/outubro de 2005. Esta pesquisa teve continuidade em 2005 no Brasil, com o acompanhamento diário das atividades destes jogadores pela televisão, pelos jornais brasileiros e espanhóis e por sites esportivos assim como foi complementada com entrevistas realizadas em Fortaleza e na Bahia com jogadores brasileiros que atuaram na Europa e na Ásia. Reflito, a partir de uma metodologia de investigação antropológica centrada na etnografia (observações e entrevistas) sobre as trajetórias individuais dos futebolistas brasileiros em atividade em Sevilla, assim como algumas das implicações econômicas, culturais e políticas de esta migração.

Metodologia

A metodologia etnográfica foi utilizada na pesquisa. Realizei observações nos campos de treinamento, nos estádios durante os jogos, em suas casas e em alguns dos lugares que freqüentam no dia; conversei com seus familiares e amigos, sua *entourage* (Damo 2005). Também observei os torcedores espanhóis, especialmente os senhores de mais de 70 anos que acompanham os treinos e os jogos nos bares, pela TV, em verdadeiras *casas de homens*.

Foram muitas horas passadas nos estádios observando a movimentação do jogadores, da imprensa e dos torcedores e não foram horas inúteis. No Bétis, mais aberto e onde a imprensa e os torcedores têm acesso ao treino, observei o tipo de exercício que era feito e, o que me interessava mais de perto, como os brasileiros

se relacionavam entre si e com os outros jogadores. Ficou evidente a preferência por estarem juntos em todos os momentos. Se era previsto um grupo de 4, 5 ou 6 jogadores, os 4 brasileiros estavam lá, lado a lado, na companhia de um ou outro espanhol. Rindo e brincando muito, como colegas que se encontram no pátio de recreio para a aula de educação física ou a pelada de antes das aulas. Eram de fato muito próximos, exercitavam-se juntos, uma proximidade corporal, de troca de suores. Mais tarde, a escolha do local da moradia, do bar que freqüentavam e outras me deram outras evidências desta proximidade.

A longa espera antes de cada entrevista me proporcionou oportunidade de seguir os passos do jogador no seu espaço profissional. Não é considerável a variação na organização da rotina dos jogadores que se constitui numa folga semanal na segunda-feira, um treinamento pela manhã (das 10 ou 11 até às 13 ou 14 horas) nos outros dias da semana e um treinamento no horário do jogo na quinta-feira (Esta rotina se altera em anos de Copa do Mundo, como agora em 2005, pois os jogos ficam concentrados sendo realizados duas vezes por semana).

Desde a primeira entrevista, o modo como ao final o jogador com quem eu falava se referiu à imprensa, num misto de desprezo e receio, me indicou que deveria me distinguir dos jornalistas, e que até mesmo uma camaradagem eventual poderia não ser uma boa política aos olhos dos meus interlocutores principais que eram os jogadores. Assim, embora compartilhasse a longa espera com um bando deles – que aumentava muito nos dias de jogos importantes – nunca busquei uma conversa e minha atitude tão pouco os incentivou.

Conversei longamente com todos os quatro jogadores brasileiros em atividade no Bétis (Denílson, Assunção, Ricardo Oliveira e Edu) e dois dos três em atividade no Sevilla (Renato e Júlio Batista). Apenas em uma ocasião pude reuni-los (Denílson e Assunção.) para uma conversa, na *Ciudad Desportiva do Bétis* e que durou o suficiente para sermos praticamente expulsos pelo guarda, último presente no estádio. Estive na casa de dois deles (Ricardo Oliveira e Edu) entrevistando suas esposas, compartilhando almoço,

ouvindo suas conversas com um empresário, assistindo seus vídeos familiares. E passei longas horas com um sobrinho e um amigo de um deles. Além disto, me encontrei com eles em lugares pouco habituais, como estação de trem, e percorri trajetos em seus automóveis, onde as conversas sempre foram muito produtivas. Assisti-o jogando e sendo entrevistados, nos estádios e pela televisão, na Espanha como no Brasil.

A todos que encontrei ofereci o anonimato, como é costume na antropologia, mas eles o dispensaram (“Não devo nada a ninguém”, me disse Iriney) e por isto uso aqui seus nomes. Estive também na outra cidade da Andaluzia com clube na primeira divisão, o Málaga (onde atuava um jogador Amoroso), visitando o estádio, a sala de imprensa e conversando com jornalistas e *jefes de prensa*. Porém como não poderia permanecer ali por um logo tempo preferi concentrar as observações em Sevilla. Mais tarde, complementei os dados com entrevista aos jogadores brasileiros do Ceuta de Vigo (Fernando Baiano, Roberto e Iriney), durante uma passagem deste clube por Cádiz. E, para ter referencias de jogadores que atuaram na Ásia e também de jogadores menos conhecidos que atuaram na Europa, completei meus contatos com conversas, visitas aos centros de treinamento, a concentrações, a estádios no Brasil, em Fortaleza e em Salvador. Ali pude contatar, entre outros, Sandro, Pacoti, Lúcio, Reinaldo, Dill.

Esta pesquisa, por envolver interlocutores muito conhecidos, colocou diversas questões metodológicas que, infelizmente pelo espaço, não poderão ser desenvolvidas aqui.

“Ter condições”

Jogar futebol no interior do *campo* (Bourdieu 1987, 2000) futebolístico, ao qual aqui será referido também como futebol de espetáculo, não é ocupação das camadas sociais mais pobres, os chamados miseráveis, pois estes não podem proporcionar o mínimo necessário para um jovem se profissionalizar (chuteiras, contatos com os clubes, passagens de ônibus, dispensa do trabalho). E nem

é ocupação das camadas sociais superiores, os mais ricos, cujos projetos de continuação da reprodução social do capital prevêm que os herdeiros, preferencialmente ainda os filhos homens, assumam a liderança dos negócios. Futebol então fica sendo um projeto possível para uma larga faixa da população brasileira, que vai dos pobres porém não-miseráveis (“nunca passei fome” me repetiram vários dos jogadores com que tive contato) até a classe média baixa. Foi nesta faixa que encontrei a totalidade dos meus interlocutores, com uma origem social que variava entre o trabalho assalariado no campo ou na indústria de São Paulo, professoras primárias a filhos de delegados e enfermeiras, que já estariam situados em uma camada média baixa. As histórias que ouvi de suas infâncias tem muitos pontos em comuns, como eles mesmo reconhecem:

“Conversando com o Denilson, a gente, nós tivemos uma infância praticamente igual. Nós não tínhamos uma família com dinheiro. Tínhamos o pai e a mãe que trabalhavam e trabalhavam muito para não deixar faltar nada para a gente. Não é que a gente tinha filet-mignon todo o dia. É que a gente às vezes tinha que comer arroz com feijão, um ovo. Fome nós nunca passamos mas meu pai e minha mãe suaram bastante para não deixar faltar nada pra gente.” Marcos Assunção.

“Sou do interior de SP, de perto de Jaú. Morava na infância em uma fazenda de cana de açúcar. Meu pai trabalhava na Fazenda, cortando a cana. Nós éramos pobres, passávamos necessidade. Quando ele perdeu emprego, quando a fazenda faliu, nós nos mudamos para Jaú pois não podíamos mais ficar morando na casa que não era nossa. Até os dez anos eu morei na Fazenda. Minha mãe também trabalhava mas quando nasceu meu irmão menor ele parou de trabalhar para cuidar só da casa” Edu.

A carreira de futebolista requer, normalmente, um longo período de formação e depois um período de iniciação em que o jogador tem que buscar seu espaço sem receber para isto auxílio financeiro. É preciso que a família toda auxilie neste projeto, não apenas dispensando este integrante de buscar ganhos mas ainda arcando com despesas extras de condução, uniforme, chuteiras:

*“Minha mãe muitas vezes tinha que pegar serviço fora, roupa, fazer faxina...teve até uma época para ajudar meu irmão que era bem a época em que ele estava querendo jogar que ela começou a fazer chinelos, sabe estes chinelos de crochet, ela fazia para vender e poder dar dinheiro para ele pagar a passagem para São Paulo. Foi bem difícil a nossa vida. Foi assim na luta.”
Fabiana irmã de Fábio Aurélio, jogador do Valência e esposa de Edu.*

A construção do *habitus* de esportista (Bourdieu 1987, Wacquant 2000 e 2002) e no caso de jogador de futebol, indispensável para que ocupem lugar de destaque no campo esportivo, só miticamente ainda ocorre por acaso, chutando latinhas ou bolas de meias. De fato, eles iniciam seu aprendizado regular, sistemático, disciplinado muito cedo, em locais que não por acaso são chamados de *escolas*, geralmente designada carinhosamente pelo seu diminutivo: “escolinha”, talvez para marcar a diferença com a verdadeira escola, mais dura, menos prazerosa, a qual, aliás, muitos abandonaram também cedo, logo que a *escolinha* deixe de ser um meio-turno para passar a internato que lhe ocupa o dia todo.

Não me deterei aqui na formação do jogador de futebol, na sua iniciação no *campo* futebolístico, remetendo que foram suficientemente exploradas em outros trabalhos (Rial 2004, Salles 2000) e especialmente por Arley Damo (2005). Apenas reitero que todos demonstraram estar conscientes de que esta ascensão econômica em suas vidas só foi possível graças ao futebol – atribuem a uma prerrogativa divina o fato de terem ascendido, como se tivessem sido escolhidos: “Tudo o que sou, devo a Deus”, “Deus quis assim” “Graças ao Senhor” são frases que pontuam suas falas num reconhecimento da prática futebolística enquanto ‘dom’ que muitos tem mas poucos conseguem desenvolver ao nível a que desenvolveram. Deus (não a religião, como alguns sublinharam) é um valor central em suas vidas, sendo a maioria deles evangélicos (há alguns católicos). A Bíblia é lida e os acompanha em viagens, alguns costumavam reunir-se para a sua leitura. A crença em Deus tem papel fundamental na consolidação de uma ética pessoal rigorosa (“Deus ajuda a separar o que é ruim do que é bom”; “antes eu bebia, fazia coisas erradas” Ricardo Oliveira) assim como lhes

fornece um apoio em um campo profissional extremamente competitivo (“Deus é um amigo que está contigo sempre” Edu.)

Quando a escolha não é divina, deve-se a fatores imponderáveis, como reconhece Ricardo Oliveira que por ser o mais novo pode jogar: “Meu irmão tinha tudo para ser um jogador profissional, eu levava suas chuteiras para o campo quando ele ia treinar. Mas aí, quando morreu meu pai, ele teve que parar (de jogar) para ajudar a família”. Porque ele e não o irmão, o vizinho? O *dom* (Damo 2005) e o posterior *trabalho*, como muitos evocaram, são as explicações êmicas para terem se tornado o quê são, futebolistas de alto nível.

O ingresso e o trânsito no interior do *campo* futebolístico é sempre mediado por outros agentes sociais, através de relações pessoais ou profissionais. Há um *capital futebolístico* - partindo dos conceitos de capital cultural, capital social e capital simbólico de Bourdieu (1987, 1989, 2000), estou chamando de capital futebolístico a soma de conhecimentos particulares ao campo futebolísticos, sejam eles conhecimentos corporais (saber como empregar o corpo nas performances futebolísticas), sociais (conhecer pessoas importantes para a ascensão no campo) ou econômicos (saber administrar contratos e inversões monetárias) - adquirido que quando transmitido pode ser de valor muito alto para os novos jogadores.

Este *capital futebolístico* se refere a aspectos técnicos da profissão que auxiliam no aprendizado necessário para as performances futebolísticas e referem-se também a tudo o que cerca a profissão no futebol de espetáculo e não se encontra codificado por escrito fazendo parte de uma cultura oral, de um *ensino* (a relação com os superiores hierárquicos no clube, com os companheiros de equipe, com os empresários, com jornalistas, patrocinadores, dirigentes, a administração dos ganhos, o trânsito entre clubes, cidades e países, etc). “O futebol ensina”, me disseram, numa alusão a autonomia o campo e o modo de transmissão de conhecimentos entre os agentes nele inseridos. (O caso paradigmático é o do jogador Ronaldinho Gaúcho, que chegou ao mais alto lugar da hierarquia futebolística (foi eleito o melhor jogador do ano pela FIFA em 2004) muito por ter contato desde a uma idade precoce com a orientação de toda

uma família de futebolistas amadores e profissionais e especialmente com a firme guia de um irmão futebolista, Assis). Esta transmissão do *capital futebolístico*, assim como o sustento dos pais na infância, é vista pelos jogadores como um *dom* (Mauss 1974) que deverá ser retribuída ao longo da vida e que o é, através da compra da casa e das remessas, como veremos abaixo.

O que considero relevante de assinalar sobre estes emigrantes especiais é o fato de que todos estavam plenamente inseridos no sistema futebolístico no momento da emigração, muitos deles desde a infância, ainda que nem todos fossem conhecidos do grande público no Brasil.

Em vários relatos a transferência para a Espanha ocorreu quando estavam integrando a seleção brasileira, não necessariamente a seleção principal, que ainda aparece como o maior passaporte para o exterior. Ela é a grande *vitrine*, no dizer dos jogadores, para a qual o mundo todo tem olhos. Não apenas porque os seus jogos são os únicos transmitidos pelas TVs (ao contrário dos clubes ingleses, franceses e espanhóis, os clubes brasileiros não tem os seus jogos no campeonato brasileiro, nos campeonatos estaduais e nas competições sul-americanas, transmitidos em outros países – exceto pela TV Globo por assinatura, que tem como público os emigrantes brasileiros e a população de Portugal), mas também porque a seleção é reconhecida dentro do sistema futebolístico como o lugar onde estão os melhores jogadores do país. A importância desta *vitrine* é tal, que rumores de corrupção já circularam atribuindo a convocação de jogadores não tão merecedores a acordos lucrativos entre o técnico (responsável pela convocação) e empresários interessados na valorização do jogador junto ao mercado internacional. Atualmente, os jogadores transferem-se para o exterior cada vez mais jovens. Se antes eram comprados jogadores consagrados na seleção nacional, hoje outros espaços também servem para notabilizar os jogadores. O campeonato brasileiro de futebol, ainda que não mereça o mesmo destaque na mídia mundial que os campeonatos europeus, tem sido acompanhado por

especialistas e profissionais do campo futebolístico (através de agentes enviados ao país ou de fitas de vídeo e DVD gravadas *ad hoc*) que assim garimpam nas equipes seus principais jogadores antes de chegar as seleções nacionais, como confessou o técnico de um clube ucraniano: “Seguimos de perto o campeonato brasileiro, queríamos atingir o nível de equipes como Barcelona, Real, Milan e precisamos de jogadores técnicos como os brasileiros. Nos concentramos nos mais jovens, em ação pelos dois melhores times. Eles trarão um avanço fundamental ao nível técnico do Shaktar.” (Ferrari 2005:D8).

Antigamente, a vitrine eram as excursões promovidas pelos principais clubes brasileiros no exterior e que serviam para que nossos jogadores fossem colocados no mercado europeu (Fontanelle 2005:2). Hoje, estas excursões ainda têm este papel elas têm sido realizada com jovens jogadores. A *vitrine* hoje pode ser e em muitos casos o é um simples vídeo ou um DVD com a edição das melhores jogadas do atleta em questão como me contaram vários dos meus interlocutores. Mas no caso deste grupo, a seleção, seja ela a principal (Rial 2001b) ou a juvenil, foi decisiva para suas visibilidades e conseqüentes contratações ao exterior.

Ir para o exterior

Para uma boa parte dos emigrantes brasileiros, a aventura da emigração coincide com a sua primeira longa viagem para o exterior. Não conhecem o país de destino e também não conhecem o sistema de transporte (os aeroportos, metros, ônibus) que ainda que se repitam globalmente, provocam nos que os desconhecem sensações de muito embaraço (Rial 1992) pois tratam-se de saberes tão difundidos que ninguém pensa em explica-los.

Quando iniciei a pesquisa, imaginava que encontraria histórias assim, de embaraços diante de uma mala que não se sabe exatamente onde recuperar, de queixas em relação aos longos vôos ou ao clima do país na chegada, histórias de emigrantes, enfim, pois muitos deles deixaram o país ainda jovens e imaginava que inexperientes em

relação à Europa. Não foi o caso, no entanto, pois estes jogadores ingressaram muito cedo no *campo* futebolístico vários deles tendo tido experiências de viagens ainda na infância.

“Com 11 anos, ainda não estava no São Paulo, eu viajei para o São Paulo com os “pequeninhos do Joca”. Fomos em mais de 8 países. Itália, França, todos, um monte. Foi uma experiência muito boa. Eu não sabia de nada, não tinha praticamente noção de nada, com 11 anos se é uma criança. Então fomos aí, viajamos, eram grupos de jovens, de crianças. Fomos para vários países, ficamos dois meses viajando pela Europa e conquistamos muita coisa aí.”(JB)

E conquistaram certamente a experiência de estarem em um país distante que lhes foi muito importante para a adaptação posterior na Espanha. De fato, de todos os meus interlocutores, poucos não conheciam a Europa antes de se transferir para cá; ainda assim, já conheciam diversos países estrangeiros:

“Eu fui para o Santos com 19 anos, mas nunca fiz uma viagem assim longa, de 12 horas, porque a gente jogava nos países da Sul-Americana. Então eram uma, duas, três horas no máximo. O Denílson não, já fez uma viagem longa. Foi de São Paulo até o Qatar”A.

O mais comum é que tenham estado inclusive no país onde vão morar.

“Eu já tinha viajado com a Portuguesa mesmo, com os juniores (categoria intermediária entre o infantil e o juvenil), eu não era profissional ainda. E a primeira viagem foi para Valencia mesmo, porque teve um torneio ali em numa cidade ao lado de Valencia, e nos jogamos lá e eu tive a oportunidade de ser o melhor jogador do torneio, da competição. E depois de alguns anos, depois de 2 anos, eu fui para o Valencia...Nunca tinha viajado de avião. Puxa, a ansiedade, o nervosismo; estava ansioso para saber como é e ao mesmo tempo com medo. Quando se está a primeira vez em uma avião, você não sabe como é que é, você imagina uma porção de coisa que não tem nada a ver. Mas foi uma experiência boa para mim, eu acabei gostando.” Ricardo Oliveira.

“Para a Europa eu vim em 97, acabei disputando um campeonato na Arábia e passei 3 dias na Itália, na volta. (Paramos na Itália para) A gente

conhecer. Então foi a primeira vez que eu vim para a Europa. Pela vista, pela cidade de Roma, eu adorei ter visitado e um dia, sempre pensei, estar jogando aqui na Europa...Visitei o Coliseu, o Vaticano também, cheguei a ir na Igreja; a fonte, uma fonte famosa lá que o pessoal taca moedinha para fazer desejo, que não me lembro o nome a agora. E acho que o Coliseu e o Vaticano foram os dois principais pontos que ali eu adorei, que eu gostei.” (Renato)

É esta primeira longa viagem que aparece em seus relatos como um momento especial, de ruptura, de contato com outras culturas (muitos citaram os países árabes que visitaram mostrando estranhamento) e não realmente a partida como emigrantes.

A experiência de emigração próxima a tradicional é a de seus familiares, esposas, mães, irmãos, enfim, todos os que fazem parte de suas *entourages* e que por causa da transferência são obrigados a longa viagem, alguns entrando pela primeira vez em um avião, como foi o caso da esposa de Pacoti, ex-jogador com passagem pelo Sporting de Lisboa na década de 50 que me proporcionou o depoimento mais poético. “Minha mulher é cearense. Ela não era costumada viajar. Vendo lá de cima, aquelas nuvens, e a lua saindo, ela me disse: “meu fio, a lua sai de baixo pra cima?” (risos).

Muitos foram o que apressaram seus casamentos para que a namorada pudesse também emigrar, como foi o caso de Fabiana Schimitz, esposa de Edu:

“A gente tinha planos de casar mas o casamento seria um ano depois dele ter sido convocado (para a seleção Olímpica). Tivemos que acelerar tudo porque ele dizia assim “eu não quero ir e te deixar aqui”. Ai eu falei assim, “como já somos noivos, a gente tem que conversar com os meus pais para ver se eles me deixam ir embora”. Eles acabaram aceitando, porque a gente não queria ficar separados, ele ia vir e quando ia voltar para lá? Porque ainda tinha que resolver as coisas aqui. Antes ele estava nas Olimpíadas, em um mês eu tive que organizar o casamento, foi uma loucura, uma loucura. Organizei tudo sozinha, até o civil quem teve que assinar foi o pai dele, o meu sogro foi quem teve que assinar, porque não dava tempo para Edu assinar. Ele ia chegar acho que ia chegar das Olimpíadas. Foi uma loucura, uma loucura.”

Casar por procuração, casar *com o sogro*, afastar-se subitamente da família, sem um projeto anterior, passar a viver em um país onde

tudo é diferente são experiências às vezes traumáticas. O primeiro ano me foi seguidamente apontado como sendo o mais difícil, especialmente para os familiares que não contam com relações de trabalho e se restringem ao espaço doméstico. O diálogo com Fabiana mostra isto:

-Como foi a chegada aqui?

-Foi difícil, eu passei...

-Foi a primeira viagem de avião?

-Foi a primeira vez que eu saí das asas da minha mãe! Vamos dizer assim. Porque mesmo no Brasil eu não era de sair, de conhecer lugares. Ficava sempre na minha cidade. Conhecia Jaú porque ele (Edu) é de lá, mas não era de sair, assim bruscamente. Eu passei...foi fatal, só chorava, só chorava quando eu cheguei aqui. A começar pelo idioma, você sai na rua ninguém te entendia, você não entendia ninguém. Eu fiquei um ano sem sair de casa. Eu só não entrei em depressão mesmo porque...horrível, horrível, vou te dizer, foi uma experiência....

Hoje Fabiana é mais independente e mesmo conduz um automóvel seu em Sevilla. Débora Oliveira, 17 anos, esposa de Ricardo, também fez para a Espanha sua primeira viagem. Assim também foi o caso da prima que estava em sua casa para lhe auxiliar nos trabalhos domésticos, como empregada. Débora, ao contrário de Fabiana, quase não se afasta do espaço doméstico.

- O bairro é calmo, você passeia, sai?

- Não, fico mais em casa, saio muito com ele (com o marido). Sozinha é difícil, é difícil.

- E as compras você faz junto com ele? Até o supermercado?

- Junto com ele, sempre junto com ele. Só quando tem alguém assim que possa me levar, quando eu estou precisando assim, mas é mais com ele.

Ainda que as dificuldades sejam apontadas com mais eloquência na voz das mulheres, também os jogadores unanimemente reconheceram como sendo difícil a vida no exterior nos primeiros tempos. Alguns deles viajaram e permaneceram

sozinhos por algum tempo antes que seus familiares pudessem vir. Este é um momento especialmente difícil:

- “Este (os dois meses em que estive sozinho em Valência) foi o mais difícil, o mais complicado... Eu não falava nada, para entender, a gente entende. O mais complicado, você falar. E eu, sempre que eu ia dar entrevista eu só dava entrevista em português. Iam me perguntar e eu só falava em português. E isto foi o mais dificultoso para mim aqui... Eu não *domava* bem, não conhecia, e tinha dificuldade em me comunicar com as pessoas. Isto foi o que mais me prejudicou nestes dois meses que fiquei sozinho.

- Especialmente nas entrevistas ou também na hora das instruções...
- Na hora das instruções, o treinador quer passar alguma coisa, na hora das entrevistas, os companheiros, eles estão falando alguma coisa e você não se entera, não sabe o que eles estão falando. Fica ali, meio se perguntando, o ‘que é que eu estou fazendo aqui?’. Mas aí eu me disse: ‘preciso aprender o básico, preciso me comunicar’, e fui arriscando, através de televisão, através de jornal, lendo bastante, perguntado para os companheiros, o que é que é isto, o que significa isto. E comecei a falar, a me comunicar, e hoje posso dizer que *domo* perfeitamente o espanhol e posso falar”. (Ricardo Oliveira)

Em geral, a língua aparece como a maior dificuldade, o que os faz sentir “fora do barco”. Há uma especial sensibilidade em relação aos possíveis comentários dos companheiros de equipe, que apareceu em outras falas além da de Ricardo Oliveira, o que é compreensível dado que no *campo* futebolístico, estar bem inserido no *grupo* é fator determinante para obter uma boa posição numa carreira extremamente competitiva e onde o trabalho é coletivo.

Uma estratégia para vencer a estranheza dos primeiros tempos é a vida de parentes e amigos. Quase todos os jogadores contaram com este apoio, especialmente importante para suas esposas:

“E ela não veio sozinha, ela veio com a Vó dela que ficou com a gente muito tempo, lá em Valência...Agora tem aqui a minha esposa, meu filho, o

meu sobrinho, a prima dela que veio para trabalhar em casa e, depois do Natal, volta a minha mãe e a minha tia com a gente. Então a família vai estar toda, todo mundo. A minha esposa nunca ficou sozinha, sozinha, desde que chegou. Não, até porque eu sei que é difícil, é muito difícil.” (Ricardo Oliveira)

A idéia de *família* é de uma família extensa, que inclui avós, tias, primos, sobrinhos; raramente o é da família nuclear. E isto se reflete num contínuo vai-e-vem dos parentes entre o Brasil e a Espanha, financiados pelos jogadores.

Estar na Europa e viajar no mundo todos os meses não significam necessariamente que estes jogadores conheçam os países que visitam. A rotina destas viagens é prevista pelo clube ou pela seleção e altamente controlada, de modo que não resta grande margem de tempo para que possam se deslocar livremente no espaço, e assim conhecer a cidade onde estão. Quando perguntei a D. se conheciam muitos países, a resposta irônica foi “sim, os hotéis sim”, ao que A. acrescentou:

- A.: Os hotéis sim, a gente conhece bem. A gente vai viajar, chega à tarde numa cidade, vai para o hotel, fica o dia inteiro no hotel e vai para o jogo, ou volta para o hotel para dormir.

- D.: Ou vai embora no dia seguinte ou vai embora depois do jogo mesmo.

- A.: A gente conhece bastantes países... os hotéis de bastante países! Os hotéis a gente conhece bem.

Ouvindo-os falar desta rotina de aeroporto, hotel, estádio, aeroporto, não há como não pensar nos *não-lugares* de que fala Marc Auge (1992), espaços uniformes, homogêneos, não-identitários que povoam a contemporaneidade sem dar aos sujeitos que por eles transitam a sensação de deslocarem-se de fato para lugares estrangeiros. Com efeito, mais do que emoção ou entusiasmo, sentimentos muito presentes nos relatos de viagens ao exterior de emigrantes (Grossi e Rial 1999, Oliveira 1995) brasileiros ou de indivíduos de camadas médias (Velho 1994), eles transmitem é uma certa resignação como se viajar, pelas circunstâncias de compromisso envolvido, evocasse o desconforto, o “cansaço”, o sofrimento. A melhor maneira de lidar com as viagens parece ser uma atitude *blasé*,

de indiferença, de “se costumar”, ou seja, de não mais estranhar - com tudo o que acompanha este estranhar, atitude própria de quem perscruta o mundo conhecendo-o, buscando compreendê-lo, atitude quase estética de fruição do real. Como me disse D, “Acostuma, (a gente) nem se preocupa porque acostuma”

Quando o tema é viagens o mais provável é que a memória presentificada seja de um problema:

- A.: As vezes a gente passa apuro, né.

- D.: Cansa quando é viagem longa, quando é viagem longa, quando tem que estar muitas horas no avião. Isto cansa, este fuso horário, este *cambio* de horas que você tem do Brasil, de repente da própria Espanha para outro lugar, isto é o mais complicado para um jogador. Você de repente chegar e de repente ter que ir para o Japão, no Japão está de noite e aqui está de dia e você pensa, pô, não estou com sono. E então você demora três, quatro dias. Tem jogador que demora ainda mais tempo para se acostumar com o fuso horário. Quando se acostuma já tem que voltar. Então, neste sentido, é o mais complicado. Mas sobre a viagem mesmo nem se preocupa, já se está acostumado.

- A.: de vez em quando passa um apuro no avião, do avião balançar, isto e aquilo. Turbulência, estas coisas, mas é normal.

Aquilo que seria “apuro” como a turbulência, passa a ser “normal”, e dimensões como a diferença do fuso horário saindo do excepcional para tornarem-se cotidianas.

Alguns outros jogadores, no entanto, apontaram as viagens de modo mais positivo quando foram indagados, ainda que Ricardo Oliveira acrescentasse na resposta o que considera como conquista maiores do que a possibilidade de viajar:

“A Europa, viajei a Europa. É maravilhoso. Como eu falei, eu não posso me queixar da vida, não posso me queixar de nada pois eu tive uma infância muito pobre, eu passei necessidade, cheguei a ter muita dificuldade, mas eu conheci toda a Europa, tive a oportunidade de tirar minha mãe de onde nós morávamos, de um lugar difícil, alguns familiares também, então quer dizer eu

hoje, conheço praticamente a Europa inteira, então eu hoje tenho que agradecer a Deus mesmo, e procurar fazer bem meu trabalho.” (Ricardo Oliveira).

Depoimento exemplar onde os valores centrais destes interlocutores aparecem claramente identificados: *ajudar a mãe (e a família), trabalhar, crer em Deus.*

O Brasil Muy Acerca

“Sei tudo o que acontece no Brasil”, me disse Ricardo Oliveira, “temos um canal de televisão que vem de Portugal e que passa todos os programas, da SBT, da Globo.” Os contatos com a família são intensos: “eu telefono e falo com a minha família todos os dias”, disse Edu; “Por Internet, diariamente” disse Ricardo Oliveira. “Internet, direto, desde que acordo. Tenho Skype, MSN, passo o dia todo, direto”, Roberto. “Para falar com a família tem que ouvir a voz, tem que ser pelo telefone”. Fernando Baiano.

A internet, e mais ainda a TV, o vídeo e as fitas cassetes com músicas os levam diariamente ao Brasil - seria mais apropriado dizer, os mantém lá, dando sentido a sua experiência na vida, se construindo como comunidade imaginária (Anderson) ainda que no estrangeiro. Notei que os mais jovens tinham maior facilidade para usar todas as ferramentas da Internet, incluindo a telefonia, o que para os de mais de 24 anos já não era tão usada, sendo o telefone o recurso preferido.

Na circulação entre os três espaços mais freqüentados nos seus cotidianos – a casa, o automóvel, o estádio – o contato com o Brasil ocorre. Todas as vezes que entrei em um automóvel de jogador, os CDs que foram tocados eram de músicas brasileiras e em duas delas, no carro de Ricardo Oliveira e de Edu, eram de músicas evangélicas.

O Brasil é revisitado através das imagens da televisão e também o é pela relação com outros brasileiros, jogadores de futebol ou não. São seguidos os encontros com brasileiros e o restaurante mais freqüentado pelos jogadores pertence a um brasileiro. O Brasil é revisitado principalmente pela comida. Esta foi unanimemente uma das presenças brasileiras na Espanha mais fortes, uma das necessidades e uma das maiores saudades quando ausentes.

“Minha esposa traz sempre uns saquinho de suco de laranja, de Tang, que não tem aqui e ela gosta. Também arroz, feijão. Traz arroz” Edu. Alguns não trazem apenas os ingredientes, trazem também quem saiba prepara-los, seja este alguém um parente ou uma empregada contratada:

“Tenho (empregada) do Brasil, porque a comida é brasileira, sim. Seis dias por semana eu gosto de comer comida brasileira. Os outros dois dias a gente sai para comer por ai. No almoço, é muito difícil querer sair para comer.” Denilson.

“Minha tia era cozinheira, trabalhava nesta (numa mesma) casa toda a vida fazendo comidas. E que cozinheira! Vou poder comer bem.” Ainda que relativize lembrando que na Espanha também se come bem: “Aqui tem arroz, feijão, picanha. Se alguém disse que não tem está mentido, tem tudo que tem lá, agora tem aqui. Tem picanha, sim” Ricardo Oliveira.

O fluxo de visitas do e ao Brasil é intenso, envolvendo a rede familiar e amigos. Quando não se pode estar no Brasil, se traz o país para se estar com a gente. E no país, o que mais conta: a família e os amigos. Embora não apareça sempre nas conversas com os jogadores (Denilson não me falou de Marrom, fique sabendo da sua trajetória através dele próprio e de Luis Oliveira, sobrinho/irmão de Ricardo Oliveira, seu amigo) é muito comum a presença de um amigo do jogador no exterior. (E isto não é de agora, lembro da polemica envolvendo o convite de Falcão a um jornalista, para que viajassem juntos para a Itália nos anos 80 e os rumores de que se tratava de uma relação homoerótica. Na casa de Ronaldo, em Madrid, sempre houve um quarto destinado a César, um amigo de infância, mesmo no tempo em que era casado com a primeira esposa e foi só quando do seu segundo casamento (Daniela Cicarelli) que quarto foi desfeito, assim mesmo só depois que deu ao amigo uma casa em Salvador para morar com a esposa). Denilson trouxe para morar consigo além dos pais um amigo de infância, o Marrom, que hoje trabalha como disk-jockey e que faz as vezes de secretario de outros jogadores brasileiros em Sevilla em tarefas como efetuar pagamentos, buscar cheques no escritório do presidente do clube

e acompanha-los em deslocamentos pessoais. Segundo este conta, conhecia D. desde a infância, brincavam juntos na rua, e quando apareceu a proposta da viagem, de um dia pra o outro, não pensou duas vezes. Foi em casa pegar algumas roupas e partiu.

Quando não é o amigo, pode ser o tio (caso de Júlio Batista) ou um empresário que fica morando junto para ajudar a resolver os problemas da instalação nos primeiros meses e, numa mistura de relações profissionais e pessoais, os problemas da adaptação nos primeiros tempos. “Bom, no começo ficou meu empresário, ficou um mês para resolver negocio de casa, carro, estas coisas.” Marcos Assunção.

Raros são os jogadores que moram sozinhos, como foi o caso de Marcos Assunção depois do primeiro mês: “Logo eu fiquei sozinho, fiquei sozinho.” Quando acontece a situação é vivida como dramática e requer uma explicação, como se fosse necessário uma justificativa para a situação anômala: “O Denilson (veio morar no exterior acompanhado da família) porque é o do meio. Ele tem o irmão mais velho e a irmã mais nova. Eu não, eu já fui o maior. Então eu não podia trazer os meus pais porque, porque eles tinham que cuidar das minhas irmãs e do meu irmão. E quando eu fui para a Roma eu tinha 21 anos. Ela tinha 18, 17 anos e o Fabiano 14. Então tinham que ficar para cuidar deles.” Marcos Assunção.

Quando não trazem um amigo, o próprio clube incentiva a aproximação com outros brasileiros, tratando de contratar em grupo. Está, aliás, tem sido uma característica da migração bem sucedida dos jogadores brasileiros no exterior: as redes de companheiros no clube, que dividem a responsabilidade, compartilham uma mesma linguagem, em campo e fora de campo.

“(Foi) mais complicado para o Denilson porque quando eu cheguei na Roma tinha quatro brasileiros, então para mim não foi tão complicado porque tinha o Cafu, o Antonio Carlos, o Aldair e o Fabiano e me ajudaram muito, ajudaram. Não só no idioma mas as vezes sair para jantar. Se eu tinha algum problema, se tinha que resolver algum problema eles sempre me ajudavam. Então não foi tão difícil quanto foi para ele que veio para a Espanha sem nenhum companheiro no clube, sem ninguém falar português” A.

O período de férias é evidência desta busca de estar em contato com o Brasil, de viver em dois lugares, pois é impensável outro país para passar as férias que não seja o Brasil e em todos os casos a cidade natal e a casa dos familiares. Os jogadores brasileiros na Espanha não podem ir muito seguidamente ao Brasil uma vez que os compromissos da Liga e dos Campeonatos Europeus tomam quase todo o ano. E quando vão servir a seleção brasileira (caso de quase todos os que entrevistei em Sevilla) não tem tempo para visitarem os amigos e parentes pois a programação de sua estadia é prevista hora a hora pela Confederação Brasileira de Futebol, conforme se pode ver no site da entidade (www.cbfnews.com.br). Os clubes, alias, são bastante rigorosos quanto a estas viagens e já há jogadores que incluem nos seus contratos cláusulas especiais que permitam o deslocamento quando de emergências (como foi o caso de Renato, que inclui a possibilidade de se deslocar quando do nascimento do primeiro filho, não repetindo assim a experiência por que passou Ricardo Oliveira que, por ter acompanhado a mulher ao hospital aqui na Espanha mesmo faltando ao compromisso de concentrar-se no hotel, foi afastado da equipe pelo técnico que não considerou relevante o motivo da ausência...). Antigamente, o carnaval era um motivo de tensão entre clube e jogador, e alguns como Edmundo, incluíam a possibilidade de se deslocarem ao Rio no carnaval como cláusula contratual. Porém, como me explicaram Marcos Assunção e Denilson, “isto não existe mais, não existem mais *bad-boys* no futebol”, dada a competitividade do campo futebolístico na Espanha atual.

Nas férias (Natal e no meio do ano, maio e junho, depois de terminado o campeonato espanhol), o Brasil é o destino para todos que nem cogitam outros lugares no mundo. A maioria das vezes as férias são momentos de reunião com as famílias de origem. “No último ano, ficamos metade do tempo com a minha família, em Jaú e a outra metade em São Carlos para não haver ciúmes”(Edu.). “Quando eu estou no Brasil, eu procuro estar com eles (amigos e familiares), viajar eu não viajo nunca.” Marcos Assunção.

“Férias? Em casa, sempre” Iriney, cuja “casa” fica em Humaitá, cidade de 32 mil habitantes no interior da Amazônia.

As férias coincidem com o período de abertura do mercado futebolístico na Europa, de modo que para muitos é também o momento em que ocorrem as transferências e negociações de contratos. Seria profissionalmente importante a permanência nos países europeus mas isto não é sequer mencionado pelos jogadores. Como no caso de outras emigrações, esta volta sazonal ao país de origem é cercada de grande expectativa. Vive-se para estar lá. É o momento da festa, de estar com os amigos. Até a comemoração de aniversários são adiados para concentrar lá os momentos de efervescência – assisti ao vídeo da festa de comemoração de 2 anos de Camila, filha de Edu e Fabiana, realizada no sítio que possuem no interior de São Paulo, que aconteceu com meses de diferença do seu aniversário.

“Também, fazer aqui, que graça teria, a gente não conhecia quase ninguém”. Fabiana.

Refúgio prazeroso, o Brasil é também o lugar seguro, onde se vai quando se está doente, precisando de tratamento médico: “Eu tive que ir para o Brasil. Porque eu tinha feito uma operação muito delicada no tornozelo, uma operação complicadíssima. E no Brasil, com o fisioterapeuta da seleção, com o fisioterapeuta do São Paulo, que trabalhou comigo no Santos, que eu tenho muita confiança, que é o Luis Alberto Rosan, tive que ir fazer tratamento lá para que voltasse a jogar.” Marcos Assunção.

Não só porque se conhece o médico se retorna ao Brasil, também porque lá o sistema de tratamento é tido como mais eficiente. O diálogo entre A. e D. é eloqüente de como os jogadores percebem o melhor tratamento médico no Brasil e por isto me permito de cita-lo mais longamente :

- A: Se eu não fizesse uma boa recuperação eu não iria mais voltar a jogar futebol. Porque a lesão foi complicada, quebrou o tornozelo em cinco pedaços. Foi complicado.

- Eu: E no Brasil é melhor este tratamento?

- A: E o que a gente fala, no Brasil tem alegria. Eles te trabalham para que você volte e volte bem, o mais rápido possível. Aqui, não, aqui já não tem isto. Aqui é um pouquinho devagar. No

Brasil não, eles te pegam para que você volte o mais depressa possível, para que você volte a jogar.

-D: Não tem conversa.

-A: Se é uma lesão de cinco meses, em 4 você está jogando, em 3,5 você está jogando. Mas tem que pegar. Eu trabalhava todo o dia quatro horas pela manhã e quatro horas pela tarde.

-D: Quatro horas **pela** manhã e quatro **pela** tarde. Não **pola** manhã e **pola** tarde (risos) (Nota: Denílson corrige um erro na fala de A. que não aparece no texto, pois corrigi os erros de fala na transcrição das entrevistas).

-A: No Brasil você tem que trabalhar. Então é complicado. Por mais que você não queira, eles (dizem): “vamos, vamos trabalhar porque você tem que voltar a jogar”. Então tem este incentivo.

-D: Um jogador quando ta lesionado, no meu caso e no caso dele também, você precisa de pessoas do teu lado que tenham....

-A: Que te dão apoio.

-D: Um lado psicológico, um apoio psicológico. Tem que trabalhar o lado psicológico do jogador que está lesionado. E aqui eu não vejo isto, de repente porque eu sou brasileiro eu não vejo que os espanhóis tenham este lado com a pessoa que está machucada, que está lesionada. No clube do São Paulo, que é o clube que eu joguei, onde ele também se recuperou, e no Brasil em geral, eles tem este lado psicológico, eles te dão um incentivo, eles não te deixam mal. Claro que você já ta mal, que passa muita coisa pela tua cabeça. Então eles procuram o lado positivo sempre, sempre o lado positivo. Para o jogador que neste momento está machucado. E aqui na Espanha, este é o problema que eles tem porque o trabalho e máquina para trabalhar eles tem. Falta a vontade, falta este lado psicológico por parte deles com o jogador que esta machucado. São profissionais, mas me parece que falta alguma coisa.

- A: São profissionais na teoria, na prática eles deixam um pouquinho a desejar.

- D: É, falta alguma coisa. De repente a gente pode estar mal acostumado, de vir para o Brasil para trabalhar com pessoas que pegam no teu pé, que exigem que você esteja voltando não em cinco mas em três mês e meio ou em quatro. E aqui não tem este ritmo de trabalho.”

Às vezes acontece das operações cirúrgicas elas mesmas serem realizadas no Brasil, como foi o caso de Kleberson, jogador de um dos mais importantes clubes do mundo, o Manchester United, que veio ao Brasil para fazer uma operação no tornozelo. A operação foi bem sucedida e ele ficou se recuperando em Curitiba, sua terra natal.

Ao contrario de outros imigrantes solteiros, homens, que vão na frente, se aventuram, e depois há o reagrupamento familiar (Durham 1984), aqui, a estrutura já está montada desde o início. Não migram sozinhos, são acompanhados por familiares, por suas famílias de origem, ou tratam de estruturar uma nova família aqui, reconstruindo rapidamente uma cena familiar.

Família é uma palavra que designa diferentes organizações sociais, como a antropologia está cansada de mostrar ao longo de sua história. Para estes jogadores, família é a família extensa, significa a família nuclear mas também a de origem, suas e de suas esposas, de modo que não se conseguem imaginar separado de suas famílias (Fonseca 1991). “Eles são os meus verdadeiros torcedores. Porque se as coisas vão bem, estão contentes; e quando as coisas não vão bem, estão do meu lado também”. Ricardo Oliveira.

Eles permanecem vivendo com as famílias de origem até bem tarde na vida, não se desligando nem mesmo depois de casados. Quando solteiros, ainda que joguem em uma cidade, se a distância não é grande, preferem continuar morando com os pais.

*“Eu jogava em Santos e morava em São Paulo. Então terminava um treino a tarde eu subia para São Paulo, não é uma distancia muito longa.”
Marcos Assunção.*

A família é garantia de que se escapará de “ficar louco”. Esta tragédia fica bem expressa no diálogo de Denílson e Assunção a respeito de um infeliz companheiro de profissão:

- Eu tive o exemplo de um jogador, do mesmo meu representante, que é o GN que acaba de ir para a Alemanha, agora...

- D: Até na Inglaterra, que de repente é mais simples (é complicado)

- A: ele foi para um time que não tem nenhum brasileiro. Então, na primeira semana ele já ficou louco querendo voltar para o Brasil.

- D: querendo ir embora, porque não agüenta.

- A: Por quê? Porque ele não entendia nada, não entendia o alemão, as pessoas falavam com ele não tinha nenhum companheiro brasileiro no clube, então é complicado, é barra.

- D: Sozinho, sozinho.

Como para o solteiro de Lévi-Strauss, também para os jogadores a pior de todas as condições parece ser a de se estar “sozinho”, e aí só restaria uma solução: a morte do projeto de vida no exterior, o regresso.

Ajudar em casa

Para além das férias e da recuperação de lesões, momentos recorrentes de estada no Brasil mas não cotidianos, os jogadores vivem um dia-a-dia lá e cá. De fato, uma boa parte dos jogadores que entrevistei tem ao menos duas casas: a de suas famílias na Espanha e a que sustentam no Brasil, para os outros familiares morarem. Esta ajuda financeira em alguns casos é constante: eles sustentam familiares no Brasil, não apenas os pais mais velhos ou os irmãos que ainda moram com os pais mas auxiliam financeiramente também os parentes, especialmente as irmãs casadas.

“Eu ajudo todo mês. Sempre quando eu posso mando dinheiro para a minha mãe. Praticamente minha mãe não trabalha. Ajudo os sobrinhos.”.
Marcos Assunção.

“Ajudo... a negada lá está toda tranqüila” I.

Esta ajuda é justificada por eles em termos da situação econômica do Brasil:

“A gente (os brasileiros) é o que o Denilson falou. Tem 10 por cento que vivem muito bem, 10 por cento que vivem mais ou menos e os outros trabalham, ganham pouco e às vezes não dá para sustentar a família. Então eu, graças a Deus tenho um salário bom, então eu ajudo sempre, todo o mês.” Marcos Assunção.

A ajuda é mais constante quando o pai morre pois então, como o dialogo entre Marcos Assunção e Denilson mostra, são os jogadores que assumem o papel de *pai de família*..

A: Meu pai morreu no começo do ano. Mas praticamente a despesa da casa da minha mãe quem paga sou eu. Dou para eles, eu ajudo. Meus cunhados trabalham só que, como eu disse, o que eles ganham não dá. E eu, como vejo o esforço que eles têm para trabalhar, não são gente vagabunda que estão ai sem fazer nada, então eu ajudo todo o mês. Eu estou ai para ajudar.

D: Eu também, eu praticamente (sustento a casa). Mesmo caso que o Assunção, eu também ajudo.

A ajuda atual é vista como uma forma de compensar o dom recebido na infância:

“Meu pai e minha mãe sofreram muito para criar a gente. Hoje que eu tenho uma condição melhor eu procuro que não falte nada em casa.” Denilson.

Vivendo sob a égide de um sistema de honra onde o pai é figura moral central (Fonseca 1991) os jogadores têm que adaptar-se a esta incongruência causada por sua súbita ascensão econômica que, repentinamente, colocou o pai em uma situação de inferioridade. A equação social é resolvida mantendo diante do pai o mesmo respeito, como se nada houvesse mudado de modo que o poder econômico que o pai já não detém não abalasse seu poder simbólico. Em um caso extremo, mantém-se inclusive o poder econômico, criando-se toda uma *mise-en-scène* onde o rei nú não é desmascarado pelos filhos, mantendo a face como se ainda portasse a coroa.

“No meu caso, quem administra tudo para mim é o meu pai. O costume da minha família sempre foi assim. Até hoje, até é engraçado, mas se eu quero fazer alguma coisa eu tenho que pedir dinheiro para o meu pai. Quando meu

pai está em casa, eu tenbo que pedir dinheiro. “Pó, meu pai, eu preciso de dinheiro”. É até engraçado mas é o costume. É o costume. Meu pai é o meu pai e o que ele falar ta falado. Até de repente meu pai pode até estar errado. Mas a gente diz “tá beleza”. A gente pode até fazer o contrário. Mas ele falou, está falado. Sempre fui assim.” Denílson.

É o costume, como bem interpreta Denílson., o habitus neste caso conscientemente formulado que dá ao pai o papel central, assumido por eles quando da ausência do pai, o que é muito comum neste grupo (Júlio Batista, Fernando Baiano, Ricardo Oliveira e outros), padrão que repete o encontrado em outros estudos com camadas subalternas (Fonseca 1991).

Uma das primeiras ações destes jogadores é a de fazer com que os seus pais, mães e às vezes avós, tias, irmãos, parem de trabalhar e passem a ser sustentados por eles. Geralmente, um dos primeiros bens adquiridos graças a nova situação financeira é a compra da casa para os pais. Compram uma casa para que não paguem aluguel e passam a enviar-lhe dinheiro mensalmente. De modo que sustentam no mínimo duas casas e às vezes “ajudam” também aos irmãos e familiares da esposa.

A compra da casa para a mãe tem um sentido de retribuição de dádiva: *“era o mínimo que podia fazer, depois de tudo que eles fizeram por mim”*, mas longe de significar um ponto de chegada no círculo de dons (Mauss), ela significa a abertura de um novo ponto para o qual irão convergir as doações permanentes que se estabelecem. A casa não é apenas doada, ela é mantida. *“Tem as contas de água, luz, o seguro saúde, tudo o que precisa, enfim”*. Ricardo Oliveira. E ela é também o lugar para onde convergem os parentes em caso de necessidade, sendo uma espécie de instituição de ajuda familiar financiada pelo jogador, que abrange tanto os ascendentes quanto os parentes mais jovens, através de diferentes modalidades de auxílio. *“Eu disse para minha tia parar de trabalhar (como empregada doméstica) e ir morar com a minha mãe, deixar que a gente cuide um pouco dela....Agora tem uma prima minha trabalhando lá pra mãe, ela ajuda na casa”*. Ricardo Oliveira. A casa passa a funcionar como a sede de um clã, chefiado pelo jogador no exterior.

Dos jogadores com que conversei, apenas dois, Júlio Batista e Renato, não pareciam sustentar as uma rede extensa de parentes. Júlio Batista nunca conheceu o pai, viveu com os avós e a mãe e os tios. Ainda assim, os dois reformaram as casas da infância para que os parentes continuem morando lá ou as aluguem para terceiros e os ajudam de modo esporádico, através de presentes (Renato comprou móveis e eletrodomésticos para a irmã quando casou). Não por acaso, os dois são os que situem entre os de estratos médios baixo.

Poder econômico (expresso através da *ajuda*) e poder simbólico (expresso pelo reconhecimento) somente unem-se na mesma figura, a do jogador, quando da ausência ou morte do pai. Aí, o filho tem boas chances de ascender ao papel de pai, se ele for o filho mais velho. Como explica com muita propriedade Denílson.

“O Assunção, por ser o irmão mais velho ele tem esta responsabilidade. Mais agora, porque faltou o pai dele, mais agora ele é o homem da casa praticamente. Estando fora, mesmo assim ele tem que assumir esta responsabilidade. No meu caso é diferente. Nós temos praticamente a mesma idade mas falando com o Assunção ele é mais maduro do que eu em muitos sentidos. Muitos sentidos, quase em todos.”

Algumas conclusões

Os jogadores abordados nesta pesquisa fornecem um exemplo empírico extremo deste viver entre fronteiras que tem sido relacionado aos emigrantes em estudos recentes. Poderiam ser caracterizados como *transmigrantes* pois são “imigrantes que desenvolvem e mantêm relações múltiplas – familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas – que cruzam fronteiras.” (Basch et alli 1994:7). Não obstante suas presenças físicas na Espanha, eles continuam vivendo também no Brasil, tanto no plano da imaginação quanto no econômico, pois lá mantêm casas, sítios, carros, contas bancárias, investimentos múltiplos e sustentam familiares.

Percebidos sim como emigrantes que causam perdas no país de origem ao partirem – fala-se em êxodo de jogadores, poder-se-ia falar em diáspora até – no país de destino, no entanto, emigrante

não é um termo que lhes seja associado. Estes jogadores nunca são referidos em reportagens sobre emigração na Espanha, sendo invisíveis nas matérias de jornais que tratam sobre emigrantes. Emigrante é uma categoria que inclui apenas os pobres. Estes jogadores em nada estão próximos ao perfil do *emigrante* para os espanhóis que se refere mais a africanos (tanto do norte da África, magrebinos quanto subsaharianos, como os designa a imprensa) que chegam a Tarifa em perigosas embarcações ou tentam passar pelas três cercas de seis metros de altura de Melilla, ou são originados dos países de língua hispânica na América Latina ou do leste europeu. De fato, emigrante não é uma categoria étnica: nem dos próprios jogadores, que não se vêem enquanto emigrantes mas como profissionais atuando no exterior; nem da imprensa ou da população espanhola, que reservam a categoria de emigrantes para os trabalhadores braçais e geralmente a associa ao crime e a ilegalidade. Emigrantes é um termo, portanto, com conotações negativas – fala-se no “problema da emigração” – e que designa populações de baixa renda, redes de tráfico, etc. Emigração brasileira na Espanha evoca na imaginação dos espanhóis o traslado de prostitutas, que de fato existe, (Piscitelli) e travestis (Silva 1993), raramente de seus ídolos futebolísticos.

Mesmo depois de nacionalizados (Rial 2004), eles continuam a se ver como brasileiros e a pensar o futuro como sendo o Brasil. A Espanha, ou qualquer outro lugar em que a sua mobilidade no sistema futebolístico lhe leve, é apenas uma passagem, algo que se faz como um trabalho, com *sacrifício*, para receber a recompensa de prestígio profissional e financeira. Continuam se pensando como vivendo no Brasil – e o ato falho de JB foi eloquente da sensação de viverem em dois lugares: “Eu moro em SP”, me disse, referindo-se a um lugar que fica há 12 horas de sua atual residência, sem se dar conta do tempo do verbo, no presente.

Continuam sendo brasileiros também para os espanhóis. Na imprensa, a palavra *brasileño* acompanha os nomes dos jogadores atuando como um adjetivo que os qualifica positivamente. (Aliás,

nisto tem em comum com as prostitutas e os travestis já que os anúncios de jornais de contatos, geralmente na consigne Relax não poupa alusões a nacionalidade brasileira dos profissionais anunciados...). Às vezes, estes jogadores são também designados como “cariocas” como se carioca fosse sinônimo de brasileiro e não de nascido no Rio de Janeiro - assim, Edu e RO, por exemplo, aparecem como “cariocas” em matérias do jornal Marca em 2004 e são chamados de “paulista” em 2005. (Esta necessidade de uma designação regional teria de ser explicada a luz da construção do sentimento nacional espanhol, que, ao contrário do brasileiro, passa pelas regiões, de modo que antes de ser “espanhol”, se é basco, catalão ou andaluz...Para se ter uma idéia da diferença, embora alguns jogadores portem no nome a região de onde vem – caso de Ronaldinho ‘Gaúcho’ – pode acontecer de serem de uma região e terem no nome outra, caso do paulista Fernando ‘Baiano’. Os lugares de nascimentos dos jogadores raramente aparecem na imprensa no Brasil). Mas a marca étnica, *brasileño*, é uma constante na Espanha e, recentemente, tem causado discussões acaloradas em torno da particularidade destes jogadores (polemica em torno das comemorações de gols dos brasileiros do Real Madrid, que abordei em outro texto, apresentado na RAM no GT de Esportes).

A construção do *habitus* de jogador de futebol, indispensável para que ocupem lugar de destaque no *campo* futebolístico, só miticamente ainda ocorre por acaso, chutando latinhas ou bolas de meias. De fato, eles iniciam seu aprendizado regular, sistemático, disciplinado – ou seja, em uma *escuela* - muito cedo. Trata-se de um população que se inicia muito cedo em viagens, e vimos o caso extremo de Julio Batista que aos 11 anos já conhecia praticamente *toda* a Europa, embora não se possa designar como cosmopolita pois viajar aqui tem o sentido de deslocar-se de um hotel a um estádio mais do que o de conhecer cidades e lugares.

Através do envio de dinheiro, aproxima-se do que seria uma identidade de transmigrantes, porém, não poriam ser qualificados como possuindo uma identidade transnacional, ao menos não nos termos de Kearney para quem as remessas são evidências de uma vivência transnacional nas quais as sociedades nacionais são

transcendidas no seu poder de impor aos indivíduos identidades e nas quais o consumo aparece como tendo o mesmo poder na definição das identidades que antes era atribuído somente a esfera da produção (Kearney 1996).

O consumo não é vivenciado aqui como o objetivo central de seu projeto de vida - para além da compra da casa para os pais e do automóvel de luxo (sonho de todos), os outros consumos são entendido como inversões (compra da casa na Espanha, de propriedades no Brasil) para garantir o futuro (Rial 2004). Mais importante para que se realizem é a *ajuda* a família e aos amigos, através das remessas e dos presentes. Ainda que seus salários sejam altos mesmo para os padrões do futebol brasileiros (alguns dos que conversei devem receber mais de um milhão de euros por ano), morem em casas de classes altas, tenham carros de luxo, os outros consumos não parecem fugir ao padrão de uma classe média alta no Brasil. Não vi nada que pudesse aparecer como um consumo conspícuo.

Também não nos termos de Gustavo Lins Ribeiro, para quem o transnacionalismo, “aponta para a relação entre territórios e os diferentes arranjos socioculturais e políticos que orientam o modo com as pessoas representam pertencimento a unidades socioculturais, políticas e econômicas. É a consciência de pertencer a um corpo político global. É uma categoria classificatória através da qual se localiza geográfica e politicamente.” (Ribeiro 2000). O sentimento nacional de modo algum foi transcendido no imaginário e na vivência destes jogadores, sendo central na sua construção identitária. Estar *lá* faz parte do seu cotidiano, como se o seu espaço na casa, no auto, no treino, lhes levasse constantemente para este território afetivo, étnico, nacional.

Eles estão no planeta, sendo parte importante do fluxo de imagens que o futebol espetáculo faz circular no *mediascape* (Appadurai 2001; Rial 2001, 2001b, Gastaldo 1999), inserindo-se fortemente na imaginação, predominantemente, dos homens, em todos os países onde chegam as imagens de televisão com os seus jogos, os jogos de vídeo-game com os seus personagens, as publicidades com suas fotos. O impacto de suas existências é global,

porém, eles não deixaram imaginariamente suas casas no Brasil e para lá retornaram tão logo cessem de serem peças importantes no sistema futebolístico internacional.

O lugar especial que estes emigrantes ocupam – a ponto de não serem considerados nos trabalhos sobre emigração – decorre não tanto das divisas que tem aportado ao país com a venda de seus passes e posteriormente com as remessas, e mais pelo enorme o impacto que causam no imaginário nacional e global através de suas inserções prestigiosas no sistema futebolístico e da manutenção de suas identidades como sendo *brasileiros*. A importância destes emigrantes reside não tanto no fato deste contingente já se constituem um “produto” que aporta divisas significativas ao país, e mais pela influencia que o seu trabalho tem na constituição de um imaginário global sobre o Brasil e na construção de uma identidade brasileira no Brasil.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Benedict 1989. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo. Ática.
- APPADURAI, Arjun 1990. "Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy". In Mike Featherstone (org.), *Global Culture*, Londres, Sage Publications, pp. 295-310.
- ASSIS, 2001 *Après le colonialisme*. Paris: Payot.
- AUGÉ, Marc.1992. *Non-lieux* . Paris: Seuil.
- BASCH, Linda & Nina Glick Schiller, Cristina Szanton Blanc. 1994. *Nations Unbound. Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*. Langhorne, Gordon & Breach.
- BOURDIEU, Pierre. 1987. *Choses dites* .Paris: ed. de Minuit. 1989. *O poder simbólico*. Paris: Difel. 2000. *Les structures sociales de l'économie*.Paris:Seuil.
- CLIFFORD, James. 1997. "Traveling Cultures". *Routes. Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge (Mass.), Harvard University Press, pp. 17-46.
- DAMO, Arlei. 2005. *Do Dom à Profissão - uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de Doutorado, UFRGS.
- DEBORD, G. 1967. *La Société du spectacle*. Paris: éditions champ libre.
- DURHAM, Eunice R. 1984. *A Caminho da Cidade*. Ed. Perspectiva, São Paulo.
- FERRARI, Luis. 2005. "Brasil faz Ucrânia sonhar com a Europa" em *Jornal Folha de São Paulo* 20 de fevereiro de 2005, D8.
- FONSECA, Claudia. 1991. "Cavalo amarrado também pasta: honra e humor em um grupo popular brasileiro". In *RBCS* n15 ano 6.
- FONTENELLE, Airton. 1988. "Tutto Brasileiro" In: *Jornal de Fortaleza* 31 de agosto. 2005. *Jogadores brasileiros no exterior*. Fortaleza, xérox 9p.

- KEARNEY, M. 1995. "The Local and the Global: the Anthropology of Globalization and Transnationalism". *Annual Review of Anthropology* 24: 547-565. 1996. *Reconceptualizing the Peasantry. Anthropology in Global Perspective*. Boulder, Colorado. Westview Press.
- GASTALDO, Édison L. 1999. *A Nação e o Anúncio - a representação do "Brasileiro na Publicidade da Copa do Mundo*. Unicamp: Doctoral thesis in Multimedia Studies
- LESSER, Jeffrey. 1999. *Negotiating the national identity. Immigrations, minorities and the struggle for ethnicity in Brazil*. Durham: Duke University Press.
- MARGOLIS, Maxine. 1994 *Little Brazil. An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton. Princeton University Press.
- MAUSS, Marcel. 1974. "O ensaio sobre o dom" In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EDUSP.
- MILLMAN, Joel. 2005 "Brasileiros ilegais desafiam lógica econômica da migração aos Estados Unidos" in *The Wall Street Journal Américas/Estado de São Paulo*. 24 de jan, B7.
- MORIN, E. 1957. *Les stars*. Paris: Seuil.
- Oliveira Assis, Gláucia de. 1995. *Estar aqui, estar lá... uma cartografia da vida entre dois lugares*. Dissertação de Mestrado. UFSC.
- OSO-CASAS, Laura. 2004. *Españolas em Paris. Estrategias de aborro y consumo en las migraciones internacionales*. Barcelona: Edicions Bellaterra.
- PÉREZ-MURILLO, Maria Dolores. 2000. *Oralidad e Historias de vida de la emigración andaluza hacia a américa latina (Brasil y Argentina) en el ciclo XX*. Cádiz: Universidad de Cádiz.
- RIAL, Carmen. 1992. *Le goût de l'image: ça se passe comme ça chez les fast-food. Étude anthropologique de la restauration rapide*. Tese de doutorado. Université de Paris V/Sorbonne. 2001 "Guerra de Imagens – o 11 de setembro na televisão global" In: *Antropologia em Primeira Mão*. Florianópolis: PPGAS/UFSC. 2003. "Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa". *Antropolítica*, Niterói, v. 14, n. 2,

- p. 61-80. 2004 *Os boleiros em Andaluzia: estudo da emigração de jogadores de futebol brasileiro à Espanha (relatório de pesquisa Capes/MECD)*. Fotocópia. 61pp.
- RIAL, C. S., Grossi, M. P. 1999. "Living in Paris: old and small places in a world city" In: *Urban Symbolism and Rituals*. London: Routledge. pp. 31-53.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. 1992. "Bichos-de-Obra: Fragmentação e Reconstrução de Identidades". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* no. 18: 30-40. 2000. *Cultura e Política no Mundo Contemporâneo*. Brasília: Edunb.
- SALLES, João. 2000 *Futebol 1, 2 e 3* Vídeo documentário.
- SASSEN, Saskia. 1991. *The Global City. New York, London, Tokyo*. Princeton. Princeton University Press.
- SHOAT, Ella & Stam, Robert. 1996 "From Imperial family to the transnational Imaginary – media spectatorship". In: Wilson, Rob and Wimal Dissanayake (org) **Global/Local** Durham, London: Duke University Press. pp.145-170
- SILVA, R.S. 1993. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- TOLEDO, Luis Henrique. 2002. *Lógicas no futebol*, São Paulo, Hucitec/Fapesp.
- TSUDA, Takeyuki. 1999. "Transnational migration and the nationalization of ethnic identity among Japanese Brazilian return migrants". *ETHOS*, 27(2): 145-179.
- WACQUANT, Loïc (2000). "Putas, escravos e garanhões: linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais". In: *Mana*, vol.6, n.2, Rio de Janeiro, out.
- _____. (2002). *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Damará.
- VELHO, Gilberto. 1981. *Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar. 1994. *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- ZARUR, George de Cerqueira Leite (org). 2000. *Região e Nação na América Latina*. Brasília: UNB.

ANTROPOLOGIA EM PRIMEIRA MÃO

Títulos publicados

1. MENEZES BASTOS, Rafael José de. A Origem do Samba como Invenção do Brasil: Sobre o “Feitio de Oracão” de Vadico e Noel Rosa (Por que as Canções Têm Música?), 1995.
2. MENEZES BASTOS, Rafael José de e Hermenegildo José de Menezes Bastos. A Festa da Jaguatirica: Primeiro e Sétimo Cantos - Introdução, Transcrições, Traduções e Comentários, 1995.
3. WERNER Dennis. Policiais Militares Frente aos Meninos de Rua, 1995.
4. WERNER Dennis. A Ecologia Cultural de Julian Steward e seus desdobramentos, 1995.
5. GROSSI Miriam Pillar. Mapeamento de Grupos e Instituições de Mulheres/de Gênero/Feministas no Brasil, 1995.
6. GROSSI Miriam Pillar. Gênero, Violência e Sofrimento - Coletânea, Segunda Edição 1995.
7. RIAL Carmen Silvia. Os Charmes dos Fast-Foods e a Globalização Cultural, 1995.
8. RIAL Carmen Sílvia. Japonês Está para TV Assim como Mulato para Cerveja: Imagens da Publicidade no Brasil, 1995.
9. LAGROU, Elsje Maria. Compulsão Visual: Desenhos e Imagens nas Culturas da Amazônia Ocidental, 1995.
10. SANTOS, Sílvio Coelho dos. Lideranças Indígenas e Indigenismo Oficial no Sul do Brasil, 1996.
11. LANGDON, E Jean. Performance e Preocupações Pós-Modernas em Antropologia 1996.
12. LANGDON, E. Jean. A Doença como Experiência: A Construção da Doença e seu Desafio para a Prática Médica, 1996.
13. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Antropologia como Crítica Cultural e como Crítica a Esta: Dois Momentos Extremos de Exercício da Ética Antropológica (Entre Índios e Ilhéus), 1996.

14. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Musicalidade e Ambientalismo: Ensaio sobre o Encontro Raoni-Sting, 1996.
15. WERNER Dennis. Laços Sociais e Bem Estar entre Prostitutas Femininas e Travestis em Florianópolis, 1996.
16. WERNER, Dennis. Ausência de Figuras Paternas e Delinqüência, 1996.
17. RIAL Carmen Silvia. Rumores sobre Alimentos: O Caso dos Fast-Foods, 1996.
18. SÁEZ, Oscar Calavia. Historiadores Selvagens: Algumas Reflexões sobre História e Etnologia, 1996.
19. RIFIOTIS, Theophilos. Nos campos da Violência: Diferença e Positividade, 1997.
20. HAVERROTH, Moacir. Etnobotânica: Uma Revisão Teórica. 1997.
21. PIEDADE, Acácio Tadeu de C. Música Instrumental Brasileira e Fricção de Musicalidades, 1997
22. BARCELOS NETO, Aristóteles. De Etnografias e Coleções Museológicas. Hipóteses sobre o Grafismo Xinguano, 1997
23. DICKIE, Maria Amélia Schmidt. O Milenarismo Mucker Revisitado, 1998
24. GROSSI, Mírian Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade, 1998
25. CALAVIA SÁEZ, Oscar. Campo Religioso e Grupos Indígenas no Brasil, 1998
26. GROSSI, Miriam Pillar. Direitos Humanos, Feminismo e Lutas contra a Impunidade. 1998
27. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Ritual, História e Política no Alto-Xingu: Observação a partir dos Kamayurá e da Festa da Jaguatirica (Yawari), 1998
28. GROSSI, Miriam Pillar. Feministas Históricas e Novas Feministas no Brasil, 1998.
29. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Músicas Latino-Americanas, Hoje: Musicalidade e Novas Fronteiras, 1998.

30. RIFIOTIS, Theophilos. *Violência e Cultura no Projeto de René Girard*, 1998.
31. HELM, Cecília Maria Vieira. *Os Indígenas da Bacia do Rio Tibagi e os Projetos Hidrelétricos*, 1998.
32. MENEZES BASTOS, Rafael José de. *Apùap World Hearing: A Note on the Kamayurá Phono-Auditory System and on the Anthropological Concept of Culture*, 1998.
33. SAÉZ, Oscar Calavia. *À procura do Ritual. As Festas Yaminawa no Alto Rio Acre*, 1998.
34. MENEZES BASTOS, Rafael José de & PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo. *Sopros da Amazônia: Ensaio-Resenha sobre as Músicas das Sociedades Tupi-Guarani*, 1999.
35. DICKIE, Maria Amélia Schmidt. *Milenarismo em Contexto Significativo: os Mucker como Sujeitos*, 1999.
36. PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo. *Flautas e Trompetes Sagrados do Noroeste Amazônico: Sobre a Música do Jurupari*, 1999.
37. LANGDON, Esther Jean. *Saúde, Saberes e Ética – Três Conferências sobre Antropologia da Saúde*, 1999.
38. CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles de. *Vida Cotidiana sob a Lente do Pesquisador: O valor Heurístico da Imagem*, 1999.
39. TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. *Os povos Indígenas do Oiapoque: Produção de Diferenças em Contexto Interétnico e de Políticas Públicas*, 1999.
40. MENEZES BASTOS, Rafael José de. *Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part I)*, 2000.
41. LANGDON, Esther Jean. *Saúde e Povos Indígenas: Os Desafios na Virada do Século*, 2000.
42. RIAL, Carmen Silvia Moraes e GROSSI, Miriam Pillar. *Vivendo em Paris: Velhos e Pequenos Espaços numa Metrópole*, 2000.
43. TASSINARI, Antonella M. I. *Missões Jesuíticas na Região do Rio Oiapoque*, 2000.
44. MENEZES BASTOS, Rafael José de. *Authenticity and Divertissement: Phonography, American Ethnomusicology and the Market of Ethnic Music in the United States of America*, 2001.

45. RIFIOTIS, Theophilos. *Les Médias et les Violences: Points de Repères sur la "Réception"*, 2001.
46. GROSSI, Miriam Pillar e RIAL, Carmen Silvia de Moraes. *Urban Fear in Brazil: From the Favelas to the Truman Show*, 2001.
47. CASTELS, Alicia Norma Gonzáles de. *O Estudo do Espaço na Perspectiva Interdisciplinar*, 2001.
48. RIAL, Carmen Silvia de Moraes. 1. *Contatos Fotográficos*. 2. *Manezinho, de ofensa a troféu*, 2001.
49. RIAL, Carmen Silvia de Moraes. *Racial and Ethnic Stereotypes in Brazilian Advertising*. 2001
50. MENEZES BASTOS, Rafael José de. *Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part II)*, 2002.
51. RIFIOTIS, Theophilos. *Antropologia do Ciberespaço. Questões Teórico-Metodológicas sobre Pesquisa de Campo e Modelos de Sociabilidade*, 2002.
52. MENEZES BASTOS, Rafael José de. *O índio na Música Brasileira: Recordando Quinhentos anos de esquecimento*, 2002
53. GROISMAN, Alberto. *O Lúdico e o Cósmico: Rito e Pensamento entre Daimistas Holandeses*, 2002
54. MELLO, Maria Ignez Cruz. *Arte e Encontros Interétnicos: A Aldeia Wauja e o Planeta*, 2003.
55. SÁEZ Oscar Calavia. *Religião e Restos Humanos. Cristianismo, Corporalidade e Violência*, 2003.
56. SÁEZ, Oscar Calavia. *Un Balance Provisional del Multiculturalismo Brasileño. Los Indios de las Tierras Bajas en el Siglo XXI*, 2003.
57. RIAL, Carmen. *Brasil: Primeiros Escritos sobre Comida e Identidade*, 2003.
58. RIFIOTIS, Theophilos. *As Delegacias Especiais de Proteção à Mulher no Brasil e a «Judicialização» dos Conflitos Conjugais*, 2003.
59. MENEZES BASTOS, Rafael José. *Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part III)*, 2003.

60. REIS, Maria José, María Rosa Catullo e Alicia N. González de Castells. Ruptura e Continuidade com o Passado: Bens Patrimoniais e Turismo em duas Cidades Relocalizadas, 2003.
61. MÁXIMO, Maria Elisa. Sociabilidade no “Ciberespaço”: Uma Análise da Dinâmica de Interação na Lista Eletrônica de Discussão ‘Cibercultura’”, 2003.
62. PINTO, Márnio Teixeira. Artes de Ver, Modos de Ser, Formas de Dar: Xamanismo e Moralidade entre os Arara (Caribe, Brasil), 2003.
63. DICKIE, Maria Amélia S., org. Etnografando Pentecostalismos: Três Casos para Reflexão, 2003.
64. RIAL, Carmen. Guerra de Imagens: o 11 de Setembro na Mídia, 2003.
65. COELHO, Luís Fernando Hering. Por uma Antropologia da Música Arara (Caribe): Aspectos Estruturais das Melodias Vocais, 2004.
66. MENEZES BASTOS, Rafael José de. *Les Batutas in Paris, 1922: An Anthropology of (In) discreet Brightness*, 2004.
67. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Etnomusicologia no Brasil: Algumas Tendências Hoje, 2004.
68. SÁEZ, Oscar Calavia. Mapas Carnales: El Territorio y la Sociedad Yaminawa, 2004.
69. APGAUA, Renata. Rastros do outro: notas sobre um mal-entendido, 2004.
70. GONÇALVES, Cláudia Pereira. Política, Cultura e Etnicidade: Indagações sobre Encontros Intersocietários, 2004.
71. MENEZES BASTOS, Rafael José de. “Cargo anti-cult” no Alto Xingu: Consciência Política e Legítima Defesa Étnica, 2004.
72. SÁEZ, Oscar Calavia. Indios, territorio y nación en Brasil. 2004.
73. GROISMAN, Alberto. Trajetos, Fronteiras e Reparações. 2004.
74. RIAL, Carmen. Estudos de Mídia: Breve Panorama das Teorias de Comunicação. 2004.
75. GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. 2004.

76. MENEZES BASTOS, Rafael José de. O Pensamento Musical de Claude Lévi-Strauss: Notas de Aula. 2005.
77. OLIVEIRA, Allan de Paula. Se Tonico e Tinoco fossem Bororo: Da Natureza da Dupla Caipira. 2005.
78. SILVA, Rita de Cácia Oenning. A Performance da Cultura: Identidade, Cultura e Política num Tempo de Globalização. 2005.
79. RIAL, Carmen. De Acarajés e Hamburgers e Alguns Comentários ao Texto 'Por uma Antropologia da Alimentação' de Vivaldo da Costa Lima. 2005.
80. SÁEZ, Oscar Calavia. La barca que Sube y la Barca que Baja. Sobre el Encuentro de Tradiciones Médicas. 2005.
81. MALUF, Sônia Weidner. Criação de Si e Reinvenção do Mundo: Pessoa e Cosmologia nas Novas Culturas Espirituais no Sul do Brasil. 2005.
82. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Uma Antropologia em Perspectiva: 20 Anos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. 2005.
83. GODIO, Matias. As Conseqüências da Visão: Notas para uma Sócio-Montagem Etnográfica. 2006.
84. COELHO, Luis Fernando Hering. Sobre as Duplas Sujeito/ Objeto e Sincronia/Diacronia na Antropologia: Esboço para um Percorso Subterrâneo. 2006.
85. MENEZES BASTOS, Rafael José de. "Arte, Percepção e Conhecimento - O 'Ver', o 'Ouvir' e o 'Complexo das Flautas Sagradas' nas Terras Baixas da América do Sul. 2006.
86. MENEZES BASTOS, Rafael José de. "Música nas Terras Baixas da América do Sul: Estado da Arte (Primeira Parte)". 2006.
87. RIAL, Carmen. "Jogadores Brasileiros na Espanha: Emigrantes, porém. 2006.

ANTROPOLOGIA EM PRIMEIRA MÃO
é uma publicação do Programa de Pós-
graduação em Antropologia Social da
UFSC

Correspondência para aquisição ou
intercâmbio: PPGAS CFH 88.040-800 -
Florianópolis - SC fone/fax (48) 37219714

E-mail antropologia@cfh.ufsc.br
Revista Ilha - ilha@cfh.ufsc.br